

IMAGENS E INTERPRETAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
SILVA, Rosana Louro Ferreira – USP
GT-22: Educação Ambiental

Introdução

Uma das principais referências para uma Educação Ambiental na perspectiva crítica, o *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e de Responsabilidade Global* propõe na diretriz nº 15 do plano de ação “garantir que os meios de comunicação se transformem em instrumentos educacionais para a preservação e conservação de recursos naturais...”.

O artigo 3º da Política Nacional de Educação Ambiental – Lei nº 9795/99, dispõe que “como parte de um processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental, incumbindo aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre o meio ambiente...”.

Não obstante o reconhecimento da importância dos meios de comunicação para o caráter educativo sobre a questão ambiental, pesquisas têm apontado a fragilidade com que essas mensagens apresentam a problemática ambiental (RAMOS, 1996; GUIDO, 2006; LUCKMAN, 2007), com aspectos que priorizam a espetacularização e o catastrofismo e com superficialidade das informações.

Para Reigota (1999), os meios de comunicação são "espaços que originam e difundem representações sociais através de fragmentos das diversas interpretações e imagens sobre, entre outros, os problemas ambientais" (p. 109). Nesse sentido, considera que "os profissionais envolvidos com a educação ambiental devem procurar discutir o que esses meios representam e divulgam em sociedades com diferentes níveis de escolaridade" (*ibidem*).

Ao analisar as imagens de educação ambiental do programa Repórter Eco, Guido (2006) ressalta que “a veiculação de belas paisagens da natureza vêm, na sua maioria, sem a presença do homem, reforçando a idéia de que a paisagem natural deve ser intocada”. Entendemos que a apresentação de visões como esta, contribuem para a consolidação de concepções naturalistas de ambiente.

Luckman (2007) apresenta os resultados de um trabalho que buscava identificar processos de recepção de estudantes de jornalismo e de pedagogia de dois artigos de

revista sobre o aquecimento global. A autora observou que ceticismo, impotência e vontade de contribuir são sentimentos comuns apresentados pelos estudantes após análise de textos que geralmente fazem previsões catastróficas do futuro do planeta. Ela alerta que o ceticismo e impotência ainda aparecem como empecilho para a participação e ação do que de uma consciência crítica baseada no desvelamento da realidade pelo contato com os fatos. No entanto, o trabalho também propiciou uma discussão crítica sobre os problemas ambientais o que faz a autora defender a importância de pesquisadores tanto da educação como da comunicação desenvolvam pesquisas que “considerem tanto as representações de quem produz como de quem produz o discurso da mídia como do receptor”.

Os meios de comunicação de massa (televisão, jornais, revistas, e mais recentemente a internet) representam um importante papel na produção e difusão de informações a respeito de diversos assuntos da atualidade, estando entre eles a questão ambiental. Essas informações são veiculadas de forma escrita, oral, visual e audiovisual. Dessa forma, assumem papel importante na veiculação dessas informações as imagens escolhidas e/ou produzidas para representar a questão.

A partir de fevereiro de 2007, após a publicação do relatório do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas - IPCC¹, contendo previsões a respeito do problema do aquecimento global, a questão ambiental ganha um destaque poucas vezes visto nos meios de comunicação. Pegando, por exemplo, a mídia impressa, diversas vezes a problemática ambiental foi reportagem de capa, ou seja, onde a revista ou o jornal apostam a venda do exemplar do dia, da semana ou do mês.

A continuidade da publicação de reportagens sobre a temática revela que o assunto tem despertado grande interesse da população em geral. Pesquisa realizada sob responsabilidade do Ministério da Ciência e Tecnologia sobre Percepção Pública da Ciência (BRASIL, 2007) revelou que o tema Meio Ambiente só não foi mais citado do que Medicina e Saúde, estando a frente na lista de interesse entre os entrevistados de assuntos como política, arte e cultura, ciência e tecnologia, religião, entre outros.

Como pesquisadora e professora da área, passei a adquirir exemplares de revistas que traziam destaque de capa para a questão ambiental, na busca de tentar entender como o fenômeno estava sendo representado pela mídia impressa. Chamou

¹ O relatório representa o resultado de cinco anos de estudos realizados por cientistas de vários países. O IPCC foi criado em 1988, a partir da Organização Meteorológica Mundial (WMO) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) para organizar uma base de dados com informações técnicas, científicas e socioeconômicas sobre o fenômeno do aquecimento global (LUCKMAN, 2007).

minha atenção, as diversas imagens usadas para representar a questão ambiental, principalmente as que eram usadas nas capas das publicações correntes para o público em geral, como a VEJA e a ÉPOCA.

Não temos por hábito analisar as imagens presentes no nosso cotidiano. Geralmente as imagens são “consumidas” rapidamente, de forma rápida e sem reflexão. No entanto, parto do pressuposto que essas imagens, mesmo que inconscientemente, acabam por influenciar nosso entendimento e representações (REIGOTA, 1999) sobre a questão ambiental.

Analisando as questões da indústria cultural e sua relação com a educação, a mídia acaba por induzir a formação da opinião em vários âmbitos da vida, entre as quais incluo a questão ambiental. Loureiro e Fonte (2003) destacam a padronização do juízo ético e estético dos indivíduos pelos meios de comunicação de massa, de acordo com a lógica do sistema, ou seja, a lógica do mercado. Dessa forma “a educação não pode ignorar as representações culturais que contribuem para o processo de formação das individualidades. Deve-se cada vez mais questionar e problematizar as verdades estabelecidas com base nos produtos imagéticos” (*ibid*, p. 85). Para tanto, os autores indicam a necessidade de uma “educação estética crítico-emancipatória” (OLIVEIRA *et. al.*, 2001 *apud* LOUREIRO E FONTE, 2003).

Nossa proposta pedagógica e de pesquisa se baseia na perspectiva da educação ambiental crítica acreditando que o processo de discussão de imagens advindas de diferentes fontes pode contribuir nessa perspectiva. Loureiro (2004), aponta que a atribuição central de uma Educação ambiental na perspectiva histórica e crítica “é fazer com que visões ecológicas de mundo sejam discutidas, compreendidas problematizadas e incorporadas em um processo integrador, sem a imposição de uma única concepção, vista como verdadeira”.

Dessa forma, o problema que motivou e orientou esta pesquisa pode ser expresso na seguinte pergunta: Que imagens a mídia impressa tem produzido para “chamar a atenção” para o conteúdo de suas páginas voltado à questão ambiental e de que forma a análise dessas imagens poderia ser usada para a formação docente na perspectiva da educação ambiental crítica?

Partindo dessa pergunta central, os objetivos principais que nortearam a investigação foram: identificar as concepções da questão ambiental presentes nas imagens das capas de revistas de grande circulação; verificar de que forma os professores em formação interpretam, re-significam e se apropriam das mensagens

transmitidas pelas imagens; e verificar as possibilidades das imagens cotidianas serem utilizadas como objetos de reflexão dialógica e crítica na formação ambiental de professores em um processo de pesquisa-ação qualitativa.

Análise e interpretação de imagens

Martins e Gouvêa (2003) destacam que no cotidiano escolar as imagens circulam em diferentes suportes e diversos contextos pedagógicos. Não obstante, as autoras ressaltam que existem poucos estudos sobre a interpretação de imagens na escola.

Diferentes autores têm ressaltado sobre a necessidade de se educar para a leitura de imagens (REIGOTA, 1996; MARTINS & GOUVÊA, 2003; LOUREIRO E FONTE, 2003; BRUZZO, 2004; COSTA, 2005), entendendo “leitura” enquanto processo de atribuição de sentidos por meio de uma interpretação consciente. Parte-se do pressuposto de que as imagens não possuem significado imediato e transparente, como pode parecer, e que sua leitura é uma atividade complexa, situada e profundamente influenciada por princípios que organizam possibilidades de representação, significação e produção de sentidos em uma dada cultura (MARTINS & GOUVÊA, 2003).

Costa (2005) problematiza o fato da imagem se tornar um elemento secundário na educação a partir do momento que a criança se alfabetiza, entendendo como um paradoxo, uma vez que a imagem é universal e tão importante para a cultura humana. Apresenta para isso, a hipótese de que a imagem é considerada como pouco precisa, ambígua ou excessivamente particular, parecendo pouco ligada à racionalidade.

Para essa autora, o processo de interpretação de uma imagem é, uma busca de explicação para os sentimentos que ela nos desperta e, por isso, também de auto-conhecimento.

Tendo em vista a complexidade da questão ambiental, as imagens associadas ao discurso ecológico moderno não podem ser desconsideradas na atribuição de significados.

Para autores como Loureiro e Fonte (2003), para uma educação estética, entendida como uma “educação da sensibilidade”, o sentido compreende tanto a capacidade de receber sensações como a consciência que se têm delas, sendo que essa consciência não é só biológica, mas se forma historicamente. Para os autores “a linguagem imagética ganha espaço na forma de o indivíduo perceber a realidade do

mundo contemporâneo e, com o crescente desenvolvimento dos meios imagético-eletrônicos, a vida aparecer como algo para ser visto” (*ibid*, p. 80).

Bruzzo (2004) na pesquisa em que investiga as representações de seres vivos ao longo da história, ressalta a possibilidade de as imagens fornecerem uma compreensão singular do mundo natural e que “a reflexão sobre natureza requer o reconhecimento das dificuldades em expressar uma percepção objetiva do mundo natural”.

Florentino (2007), ao realizar uma análise sobre o discurso e imagens de um programa televisivo voltado à questão ambiental destaca que

[...] é importante valorizar a capacidade do “distanciamento” tão necessária para a percepção do que está por trás das aparências, do que é mitificado e apresentado como verdade indiscutível. Na era da comunicação e da sociedade de risco, em que os problemas são globais e os discursos se entrelaçam de forma a obscurecer fronteiras claramente definidas, a escola deve repensar o seu papel (*ibid*, 2007, p. 4).

Para Costa (2005), assim como toda e qualquer atividade na escola, o uso da linguagem visual tendo como ferramenta a interpretação das imagens exige planejamento e aprendizado, em busca de um entendimento mais afetivo de mundo e de uma comunicação mais abrangente e inclusiva, destacando que

[...] Exatamente pelo caráter emotivo, ambíguo e afetivo das imagens, pelo fato delas nos tomarem desde o primeiro olhar e por poderem nos enganar, o seu uso na educação envolve informação, conhecimento, preparo e gestão ...(*ibid*, p. 37)

Reigota (1999) realiza um trabalho de análise de imagens ambientais colecionadas por ele, compostas de desenhos, caricaturas, capas de livros, publicidade, etc, sobre a questão ambiental, na perspectiva da teoria das representações sociais, considerando que elas originam, difundem e legitimam representações, trazendo, de forma implícita ou explícita o “potente capital simbólico das instituições, grupos e pessoas que as produzem e divulgam” (p. 93).

O processo interpretativo das imagens

A metodologia escolhida para identificação das concepções das imagens expressas nas capas das revistas foi a análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Na busca de elementos imagéticos que caracterizassem a imagem, utilizei as categorias de concepções propostas em Silva (2007) para materiais audiovisuais de educação ambiental, entendendo que as mesmas, adaptadas ao material à ser analisado (Quadro 1), propiciavam uma compreensão geral das concepções mais divulgadas pela imagens selecionadas sobre a problemática.

Quadro 1 – Caracterização das concepções de questão ambiental, adaptadas de Silva (2007)

Conservadora	Pragmática	Crítica
<ul style="list-style-type: none"> - padrões de comportamento em uma perspectiva maniqueísta; - dicotomia ser humano – mundo natural - perspectiva fatalista – precisa proteger o ambiente para poder sobreviver; 	<ul style="list-style-type: none"> - antropocentrismo; - lei de ação e reação (natureza vingativa) - solução depende do querer fazer, onde todos são igualmente responsáveis; - ênfase nos comportamentos individuais; - cidadão é o consumidor; 	<ul style="list-style-type: none"> - Complexidade da relação; - ser humano pertence à teia de relações sociais, naturais e culturais e vive em interação; - distribuição desigual dos riscos ambientais; - responsabilidades das diferentes instâncias (sociedade civil, governo, ONGs); - ênfase na participação coletiva.

Foi realizada uma análise de conteúdo de nove imagens de capa de revistas de circulação nacional, descritas abaixo:

- Revista *Época*: três edições recentes trouxeram a questão ambiental como reportagem de capa: Edição nº 439, de 16 de outubro de 2006: uma capa de fundo verde com a foto de uma família vestida com roupas verdes, composta por um homem, uma mulher e uma criança. Acompanha a imagem da família um cachorro, este também portando um lenço verde. A frase que acompanha a capa é “Pense verde: o que você pode fazer para salvar o planeta”; Edição nº 455, de 5 de fevereiro de 2007: uma capa de fundo preto com dizeres em cinza “O mundo vai acabar?”. A figura do globo terrestre, que tradicionalmente substitui a letra O do nome da revista aparecer como se estivesse derretendo. Complementa a frase que alerta “O mais importante relatório sobre o aquecimento global mostra que a situação é pior do que imaginávamos”; Edição nº 515², de 31 de março de 2008: uma capa de fundo branco tem uma imagem de uma lata com a tampa aberta como por um abridor e dentro aparecem fotos de árvores que lembram uma floresta. Na lata está representada a figura do globo terrestre também como se estivesse derretendo. A frase que acompanha é “Compre verde: como suas compras domésticas podem ajudar a salvar a Terra”;

- Revista *Veja*: Também tem três edições recentes onde a questão ambiental é reportagem de capa: Edição nº 1989, de 30 de dezembro de 2006, Uma capa de fundo branco onde aparece a figura de um despertador tendo o globo terrestre representado dentro dele. A frase que acompanha é “Alerta global: 7 megassoluções para o

² Esta edição, embora tenha sido incluída na nossa análise, não foi utilizada no trabalho com os professores, pois foi lançada posteriormente.

megaproblema ambiental”; Edição nº 2031, de 24 de outubro de 2007: uma capa de fundo branco contendo a foto de uma mulher segurando uma bicicleta. No cestinho da bicicleta está uma bebê segurando um balão com a figura do planeta. A frase que acompanha é “Salvar a Terra: como essa idéia triunfou – Militância Ecológica: dos ‘verdes’ aos radicais do ‘planeta sem gente’ – O que pensam os poucos (e honestos) cientistas céticos”. Nota-se que são indicados setas para vários aspectos da imagem onde indicam: Consciência ambiental (cabeça da mulher), Camiseta de fibra reciclada, Cantil para evitar garrafas PET, calça de algodão orgânico, feita a mão, sandálias com sola de pneu reciclado, bicicleta (zero de CO²), alimentos orgânicos, fralda de pano, filho único; Edição nº 2003, de 11 de abril de 2007: capa com fundo branco com foto de uma família de ursos polares. A frase que acompanha é “O alerta dos pólos: VEJA foi ao ártico e à Antártica e encontrou cientistas alarmados com o ritmo do derretimento do gelo polar”;

- Revista Nova Escola nº 202, de maio de 2007. A capa de fundo verde escuro tem a foto de um par de mãos adultas apoiando um par de mãos de criança e nas mãos da criança um pouco de terra e uma mudinha de planta. A frase que acompanha é “5 experiências de sucesso na Educação ambiental: dicas imperdíveis para você ajudar seus alunos a garantir o futuro do planeta”;

- Revista *Scientific American* Brasil nº 19, Edição Especial publicada no mês de junho de 2007. A capa é composta por um desenho de um chão de terra seca, com pinheiros ao fundo, e mais ao fundo sombras de fábricas com fumaça saindo pela chaminé e um céu de cor amarronzado. Três pessoas de costas, um homem segurando um cartaz de um céu azul com uma nuvem branca, uma mulher segurando uma muda de um pinheiro e outro homem que observa a cena. A frase que acompanha é “Como deter o aquecimento global: o que governos, empresas e cidadãos podem fazer”;

- Revista Carta na Escola nº 12, de dezembro de 2006. Uma foto de um garoto indiano negro, sorrindo, mergulhado em um rio entre flores e lixo. A frase que acompanha a capa é “Meio Ambiente: Uma conta de 7 trilhões: Relatório do governo britânico estima o tamanho do prejuízo provocado pelo aquecimento global”.

Todas as revistas analisadas têm um público escolarizado que gosta de se manter informado sobre os principais assuntos da atualidade e usa a mídia impressa com essa finalidade. No entanto, as revistas Nova Escola e Carta na Escola são direcionadas ao público de professores de ensino fundamental e médio. Já a *Scientific American*

Brasil tem um público mais escolarizado, geralmente professores ou estudantes de nível superior e/ou pós-graduação.

A análise de conteúdo das capas das revistas permitiu-nos agrupá-las por semelhança de concepção da questão ambiental, tendo a concepção pragmática prevalecido.

As revistas *Época* edição nº 455 e *Veja* Edição nº 2003 trazem em suas imagens e textos de capa a noção de catástrofe ambiental, expressos pela cor preta (*Época*) e pela figura do despertador (*Veja*), representando que “temos pouco tempo” ou “vamos preservar enquanto há tempo”. Para diversos autores, entre eles Grun (1996) e Carvalho (2007), essa perspectiva fatalista pouco contribui para a participação e para influenciar positivamente as atitudes individuais e coletivas e por isso é entendida como uma concepção conservadora.

Também entendemos como conservadora a imagem da família de ursos polares com expressões que revelam a fragilidade, destacando-se no texto “as primeiras vítimas”. Os ursos como vítimas, leva-nos a inferir a existência de um vilão, no caso os seres humanos. Trabalhos como o de SILVA (2007), entre outros, identificaram em materiais de educação ambiental uma concepção de homem, de que este é um perigo constante ao mundo natural. É colocada na espécie humana uma ruindade ou uma bondade inerente, “como se os indivíduos interagissem com o planeta sem mediações sociais, sem ser parte de uma sociedade, que é também produzida por esses indivíduos” (Loureiro, 2006, p. 68).

As revistas *Época* 439 e 515, a *Veja* nº 2031 e a *Nova Escola* nº 202 apresentam uma concepção pragmática da questão ambiental. Nas quatro revistas há um apelo à “salvação do planeta”. As capas *Época* 439 e *Veja* 2031 são bem semelhantes. Apresentam fotos de pessoas aparentando serem de classe social média/alta e instruídas, o que é possível inferir pelas roupas (verdes e modernas) e “posturas ecológicas” propagadas como “comportamentos ambientalmente corretos” como filho único. Na *VEJA*, são destacados por textos esses comportamentos, como andar de bicicleta, consumir apenas alimentos orgânicos e usar calçados de sola de pneu, além da indicação para a cabeça apontada como “consciência ecológica”. A *Revista Nova Escola* nº 202, ao mostrar uma mão (da professora) apoiando a outra (do aluno) que segura uma planta, bem como a frase de “ajudar os alunos a garantir o futuro do planeta” também representa essa concepção pragmática.

Observa-se nessas imagens aquilo que vem sendo denominado como “pragmatismo no ambientalismo” (Loureiro, 2004), onde os problemas ambientais aparecem como se fossem objetivos e dados e, perante a gravidade da situação, devemos ter atitudes práticas e exitosas em curto espaço de tempo. É a supremacia do fazer, sem articulação com o pensar. Dessa forma, são propostas soluções que só são válidas para determinadas conjunturas do segmento social (daqueles que assinam e/ou compram revistas ?!?!?) sendo propagadas como “salvadores do planeta”. Neste sentido, observa-se que as revistas buscam apontar padrões de comportamentos a serem seguidos por aqueles que desejam “salvar o planeta”, mostrando um posicionamento moral como se a solução dependesse apenas do querer fazer e resolver, reduzindo a complexidade da questão. Foi observado, também, um chamamento à participação individual: “o que você pode fazer...”. Essas propostas de “caminhos para a salvação do planeta” e de poder individual “você pode salvar” aparecem associado exclusivamente ao plano da ética e da consciência individual, como se essas estivessem separadas da organização social e da dinâmica que define mutuamente as dimensões em que todos vivemos (LOUREIRO, 2004), ou seja a dimensão política.

Nessas imagens é também identificada uma representação antropocêntrica de ambiente (REIGOTA, 1999), onde o ser humano para se livrar da destruição expressa pelo o “fim do mundo” vai “salvar o planeta”.

Na Época 515, o indivíduo é tratado como consumidor, que deve continuar comprando sempre mais, só que agora os “produtos sustentáveis”, oferecidos por lojas, fábricas e supermercados que “neutralizam suas emissões de CO²”, que vem em uma “embalagem reciclada” e fazendo empréstimos em “bancos ecológicos”. Sobre esse aspecto do consumo, ressalta-se que a publicidade interna da maioria dessas revistas é voltada aos produtos e empresas sustentáveis. Embora entendamos que a sustentabilidade é um importante aspecto a ser pensado pelas empresas da atualidade, o incentivo a um consumo cada vez maior e descomprometido com a realidade social parece-nos apontar para o paradoxo da problemática ambiental “incentivando” o consumo, só que agora de “produtos verdes”.

As revistas que apresentam imagens de capa entendidas com alguns elementos da concepção crítica, são aquelas dirigidas ao público constituído em sua maioria por professores. A Carta na Escola nº 12, ao apresentar um menino indiano (país onde os rios são considerados sagrados) no rio pode suscitar interpretação de relação de interação ser humano-mundo natural, bem como da questão cultural do rio na Índia,

representado pelo semblante de tranqüilidade do menino. No entanto, também parece que busca retratar aos ocidentais o sentimento de penalização, por ver uma criança nadando em um rio com lixo, o que é inaceitável para a nossa cultura. Cabe ressaltar que o texto da capa é completamente desvinculado da imagem, tratando da questão dos custos do aquecimento global (pragmatismo). A capa da *Scientific American* Brasil nº 19, aparece representando problemas e soluções ambientais, entendidas como responsabilidade de diversos segmentos da sociedade e não apenas dos cidadãos comuns. Esse apelo à participação coletiva constitui um dos elementos da concepção crítica da questão ambiental.

A análise das imagens da maioria das capas revela que os meios de comunicação de massa passam a fazer parte de um bloco hegemônico de tendências que apresentam os valores como se fossem atemporais e universais.

Interpretação e produção de imagens ambientais na formação docente: perspectiva para a Educação Ambiental Crítica

Acreditando que a educação ambiental participativa e emancipatória não requer a persuasão, e sim a motivação para abertura para a reflexão, mostrando diversidade de olhares, e mais compartilhando questões do que oferecendo respostas (Tassara *et. al.*, 2001), e que experiências relacionadas com a dimensão axiológica, baseada em valores éticos e estéticos da questão ambiental, é uma das dimensões de complementaridade e de reciprocidade com a dimensão política da Educação Ambiental (Carvalho, 2007), ofereci a professores em formação inicial e continuada diferentes possibilidades de análise e interpretação do material imagético que possuía, buscando propiciar uma experiência de aprendizagem de caráter prático e interdisciplinar, a partir de situações reais.

A proposta tinha objetivos pedagógicos e de pesquisa. Como objetivos pedagógicos, a reflexão crítica sobre as concepções transmitidas pelas imagens cotidianas da problemática ambiental e, como objetivos de pesquisa, verificar o processo de atribuição de significados pelas professoras em formação era semelhante aos significados que eu havia atribuído às imagens e se os professores eram capazes de produzir imagens críticas sobre a questão ambiental, distanciando-se do senso comum. Buscava-se, também, discutir sobre a intencionalidade dos processos comunicativos, de natureza ética, psicológica e política.

Em um importante trabalho de apresentação dos fundamentos teóricos da pedagogia crítica da educação ambiental, Tozoni-Reis (2007) destaca que a proposta educativa crítica de EA tem como ponto de partida “a idéia de que a prática social é construída e construtora de humanidade, isto é, é construída pelas relações sociais de produção da vida social, contribuindo na construção dessas mesmas relações”.

Neste sentido, conforme propõe Loureiro (2006), para a tradição crítica não cabe ...discutir conservação sem considerar os processos sociais que levaram ao atual quadro de esgotamento e extinção; falar em mudanças de comportamentos sem pensar como cada indivíduo vive, seu contexto e suas possibilidades concretas de fazer escolhas; defender uma forma de pensar a natureza, ignorando como cada civilização, cada sociedade e cada comunidade interagem nela e definiam representações sobre ela; como produziam, geravam cultura e estilos de vida e como isso se da hoje.

Para tanto, os produtos da indústria cultural, ao serem discutidos nos cursos de formação de professores, se apresentam como uma possibilidade de práxis em educação ambiental crítica, uma vez que buscamos proporcionar a discussão e problematização de visões ecológicas difundidas pelos meios de comunicação.

O material foi utilizado em quatro turmas de um curso de formação continuada de professores da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental, em uma oficina com o título “Ciências Ambientais” e, posteriormente, em duas turmas de um curso de formação inicial de professores de Ciências e Biologia, na disciplina Prática de Ensino.

Costa (2005) propõe as seguintes etapas metodológicas no processo de leitura de imagens no cotidiano escolar:

- tema: a escolha das imagens deve fazer parte de um processo interpretativo do professor/orientador do processo, que passa pela decisão do recorte teórico e ideológico sob o qual serão apresentadas as imagens;
- a forma e o momento em que a imagem será inserida no processo pedagógico. Após uma apresentação expositiva sobre o Aquecimento Global e da definição e dos pressupostos da Educação Ambiental do Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis e de responsabilidade global, as professora foram reunidas em grupos, sendo que cada um recebeu uma cópia das capas da revistas que ficaram expostas na frente;
- processo de leitura: identificar um tema em cada imagem e perceber como ele se traduz, através de signos visuais, numa narrativa.

Reigota (1999) apresenta uma proposta pedagógica realizada a partir de um processo de leitura de imagens. Para o autor, a idéia central é uma “adequação à educação ambiental da proposta freireana de ‘leitura de mundo’” (*op. cit.*, p. 122), tendo o processo dialógico como aquele que poderá contribuir para que essas leituras se ampliem. Nessa perspectiva foi que propusemos a atividade prática.

Em todas as turmas os alunos foram divididos em grupos e as capas ficaram expostas. Cada grupo recebeu uma cópia xerocada de cada capa para auxiliar na análise. O primeiro momento da aula consistiu em tentarmos “ler” as imagens e o discurso a elas associados de forma a buscarmos o maior número de significados que elas traziam aos participantes. Em um segundo momento, foi solicitado que, a partir de recortes de revistas (gerais) e desenhos, cada grupo representasse uma imagem sobre a problemática ambiental global e, logo após, apresentasse aos demais grupos. Ou seja, a oficina contou com um momento de análise (leitura da imagem) e um de produção.

No momento de análise, no curso de formação continuada foi solicitado que fossem agrupadas as imagens semelhantes e realizada no grupo uma discussão sobre os sentidos que poderiam ser atribuídos a elas. A partir de um roteiro de análise, deveria ser produzido um texto que representasse a leitura das imagens pelo grupo. Esse texto foi utilizado para o levantamento dos dados desta pesquisa.

A maioria dos agrupamentos feitos pelos alunos foi entre imagens de catástrofe e imagens de salvação.

Algumas imagens têm a finalidade de chocar o público, causar sentimentos de terror, fazer a conscientização de uma forma bruta e chocante.

Outros agrupamentos foram propostos como: imagens reais e surreais; imagens alegres e tristes; com seres vivos e sem seres vivos. No início da discussão foram ressaltados vários argumentos de senso comum, como

...as imagens indicam que o ambiente está muito devastado e precisamos protegê-lo.

Não importa raça, sexo ou condição social. Todos sofrerão se não houver ajuda e conscientização.

A palavra de ordem é diminuir os impactos negativos do ser humano sobre o mundo. Mas como isso é possível? Mudando atitudes pessoais e coletivas. Pela ambição estamos desmatando florestas em busca de madeiras de lei ou para empreendimentos de agro-negócios...

A partir dos questionamentos propostos no roteiro e mediados por nossa orientação, observou-se que houve uma melhora no processo de atribuição de sentidos e

de reflexão crítica das imagens, conforme destacamos nos trechos abaixo, referentes aos aspectos sociais observados nas capas:

É possível inferir ou identificar a raça, sexo, condição social, em especial do garoto negro nadando no lixo (...). Nas outras revistas aparecem famílias de pessoas brancas de classe média alta. O que se pode observar é que só pessoas brancas/ricas são salvadoras e os negros pobres são os ‘coitados’ que sempre necessitam de ajuda.

A capa onde mostra um indiano tomando banho no Rio Ghandi, nos passa a informação de que é preciso preservar para que não sejamos prejudicados futuramente. Embora no que se refere a Índia tem relação com a cultura do país.

As imagens têm um apelo para o lado emotivo do público, querem sensibilizar os leitores, utilizando das camadas populares (menino negro) e dos animais do ártico.

Podemos perceber que as imagens enfatizam a raça branca com dados positivos sobre a questão ambiental e a raça negra está associada a problemas.

Até mesmo por uma condição social e cultural, a mulher branca tem mais consciência ambiental (...) Já o menino, que aparece nadando do meio do lixo, não só parece não ter consciência ambiental, mas também noção do perigo a que está submetido nadando no meio do lixo.

Observou-se a interpretação crítica dos grupos no sentido de perceber a escolha de “modelos” para representar salvação e necessidade de ajuda, bem como a identificação de características culturais nas imagens.

Quanto à análise das imagens do globo terrestre, foi observada pelos grupos a centralidade do continente americano, a qual foram atribuídas diferentes interpretações:

O continente que aparece ao centro é sempre o americano, em especial o norte americano, porque os Estados Unidos possui o maior marketing do planeta e deseja a todo custo manter sua boa e correta imagem de investidor e salvador do mundo.

Normalmente é enfatizado o continente norte americano, que se deve ao fato dele ser considerado o maior poluidor do planeta.

Talvez na intenção de mostrar que sendo um continente com países do ‘Primeiro Mundo’, embora com tanta tecnologia e maior poder aquisitivo, estes são também grande ou até os maiores responsáveis por parte dos desequilíbrios ecológicos, tanto em parte do consumo abusivo, quanto em parte de não fazer tanto quanto poderiam.

...Por que os Estados Unidos não assinaram o protocolo de Kyoto.

Solicitei especialmente, análise das propostas de “salvação” da revista Veja nº 2031 (sapatos com sola de pneu, calça de algodão feita a mão, trabalhar de bicicleta) na perspectiva de discutir o modelo proposto/imposto de participação no salvamento do planeta e de buscar formas pertinentes de discussão de ação individual e coletiva frente a realidade de cada um. Surgiram comentários do tipo:

Eu não posso comprar com o meu salário de professora, os alimentos orgânicos e muito menos uma calça de algodão feita a mão...

Se ela trabalhasse tão longe quanto eu, queria ver se ia de bicicleta...

Ela deve ter empregada para lavar as fraldas de pano...

Essa discussão buscou possibilitar que as professoras compartilhassem formas de participação na minimização dos problemas ambientais propondo alternativas possíveis ao seu contexto social e político. Lembrei os grupos da sua participação importantíssima enquanto educadoras das chamadas futuras gerações e que já estão aí.

Na parte de produção de imagens os(as) professores(as) revelaram grandes dificuldades e, embora alguns grupos tenham incorporado elementos mais críticos, a maioria não conseguiu sair do senso comum, não conseguindo produzir imagens que identificassem a discussão ocorrida no grupo quando da análise das capas. A maior parte das imagens produzidas continha desenhos de árvores e argumentos de salvação, ou desenhos do planeta Terra pegando fogo, derretendo, sumindo, chorando, pedindo ajuda, entre outros, foram bastante freqüentes. Argumentos do tipo “vamos salvar agora senão o planeta vai desaparecer”. As pessoas passam anos e anos tendo contato com o mesmo tipo de representações que acabam incorporando para si, não conseguindo se distanciar do que elas representam, o que confirma a hipótese de Reigota (1999) de que as imagens originam e difundem representações sociais sobre a questão ambiental. As mesmas imagens que criticam são reproduzidas em suas produções, o que revela a necessidade de o trabalho com leitura e produção de imagens ser mais presente, não só nos cursos de formação de professores, como também na escola de educação infantil, fundamental e média, questionando criticamente o processo de produção e massificação da indústria cultural frente à questão ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises revelam uma diversidade de formas de envolvimento com as imagens pelos docentes em formação, nos níveis cognitivos, afetivos e críticos. No trabalho realizado, acreditamos que puderam ser questionadas e reconstruídas algumas visões dos meios de comunicação de massa sobre a questão ambiental, que muitas vezes assimilaram de forma a-crítica o discurso ecológico moderno, utilizando como fonte de incentivo ao consumo.

Carvalho, L. (2007) identifica que questões importantes ultrapassam o aspecto meramente técnico do debate ecológico e nos colocam perante os aspectos político

ideológicos. Tais aspectos também puderam ser discutidos a partir do material de análise, propiciando a interpretação de dimensões éticas e políticas relacionadas à questão e que são essenciais na perspectiva da educação ambiental crítica.

As reflexões realizadas pelos(as) futuros(as) professores(as), que tiveram a professora formadora como mediadora entre as imagens ambientais produzidas pela chamada “indústria cultural” e os seus próprios saberes referentes à questão, estão no caminho de uma pedagogia crítica da educação ambiental, pois, conforme reflexão feita por Tozoni-Reis (2007) “a contextualização histórica e social dos saberes é elemento fundamental dos processos educativos” nessa perspectiva.

As dificuldades na produção de imagens que incorporassem os aspectos discutidos pelos(as) professores(as), demonstra o estranhamento dos professores ao representar suas idéias de outra forma que não seja o texto escrito. Isso deve ser pensado pelos formadores de educadores.

A realização de um processo interpretativo das imagens, associadas ao discurso ambiental de revistas de grande circulação, demonstrou que a partir delas são despertadas emoções e impactos iniciais no observador, que é o objetivo das capas das revistas, além de despertar o interesse em conhecer mais sobre o assunto, adquirindo o exemplar. O processo interpretativo de imagens na escola poderia possibilitar uma ferramenta a mais na construção da cidadania formando observadores menos ingênuos e mais críticos diante das imagens que se deparam na vida cotidiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, T. *Ecológicas manhãs de sábado: o espetáculo da natureza na televisão brasileira*. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003. 240 p.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições 70, 1977.

BRASIL./ Ministério da Ciência e Tecnologia. *Percepção Pública da Ciência e Tecnologia*. Brasília: MCT, 2007. Disponível em www.mct.gov.br, consultado em 28/10/2007.

BRUZZO, C. Biologia: Educação e imagens. *Educ. Soc.* Campinas, vol. 25, n] 89, p. 1359-1378, set./dez. 2004. Disponível em www.cedes.unicamp.br, consultado em 12/12/2007.

CARVALHO, L. M. de. A temática ambiental e o processo educativo: dimensões e abordagens. In: CINQUETTI, H. S.; LOGAREZZI, A. *Consumo e resíduos: fundamentos para o trabalho educativo*. São Carlos: Editora da UFSCar, 2007.

COSTA, C. *Educação, imagens e mídias*. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Aprender e Ensinar com textos v. 12)

FLORENTINO, H.F. *Uma análise das concepções sobre ciência, biodiversidade e desenvolvimento sustentável presentes no discurso de um programa televisivo*. 125f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

GRUN, M. *Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária*. Campinas, SP: Papirus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e trabalho Pedagógico)

GUIDO, L. F. E. *Educação, televisão e natureza: uma análise do Repórter ECO*. Trabalho apresentado no GT 22 na 29ª Reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação em Educação. Caxambu, 15 a 18 de outubro de 2006.

LOUREIRO, C. F. B. *Trajatória e fundamentos da Educação Ambiental*. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Educação ambiental e “teorias críticas”. In: Guimarães, M. (org.) *Caminhos da educação ambiental: da forma à ação*. Campinas, SP: Papirus, 2006. p. 51 – 86.

LOUREIRO, R. & FONTE, S. S. D. *Indústria cultural e educação em “tempos pós-modernos”*. Campinas, SP: Papirus (2003).

LUCKMAN, A. P. Educação, jornalismo e meio ambiente: leituras sobre a crise ecológica no contexto do aquecimento global. *Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED*, GT 16 – Comunicação e Educação, outubro de 2007.

MARTINS, I. & GOUVÊA, G. Práticas de leituras de imagens em livros didáticos de Ciências. *Anais do II Encontro Internacional Redes de Conhecimento*. Rio de Janeiro: ANPED, 2003.

REIGOTA, M. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo, Cortez, 1999.

SILVA, R. L. F. *O meio ambiente por trás da tela – estudo das concepções de educação ambiental dos filmes da TV Escola*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da USP. São Paulo: 2007.

TASSARA, E. T. *et. al.* Propostas para a instrumentalização de uma educação ambiental transformadora. In: COSTA, L. B. & TRAJBER, R. (orgs.) *Avaliando a Educação Ambiental no Brasil: materiais audiovisuais*. São Paulo: Peirópolis: Instituto Ecoar para Cidadania, 2001.

TOZONI-REIS, M. F. C. Fundamentos teóricos para uma pedagogia crítica da Educação Ambiental. *Anais da 30ª Reunião Anual da ANPED*, GT 22 – Educação Ambiental, outubro de 2007.